

O IRREPRIMÍVEL REGRESSO DO PASSADO

Depois de “Nuvem Negra – O Drama do 27 de Maio de 1977”, de Miguel Francisco (Michel), e de “Purga em Angola – Nito Alves, Sita Valles, Zé Van-Dúnem e o 27 de Maio de 1977”, de Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus, surgiram, nas livrarias portuguesas mais dois títulos que remetem para as atrocidades cometidas em Angola nos anos imediatamente posteriores à independência.

(...)

Os dois livros que agora vieram a lume –“Massacres em África” de Felícia Cabrita, e “Holocausto em Angola”, de Américo Cardoso Botelho–parecem-me bastante mais sólidos. O de Felícia interessa-nos sobretudo pelos capítulos referentes ao nosso país, e em particular (novamente) ao 27 de Maio. A maior curiosidade está na revelação dos bastidores das reportagens que assinou para o Expresso, e no facto de ter recolhido declarações de importantes responsáveis pela repressão governamental contra os simpatizantes de Nito Alves.

O livro de Américo Cardoso Botelho, tal como o de Michel, é um testemunho directo – o que lhe dá muito maior força e credibilidade. Acresce que ao contrário de Michel, Américo Cardoso Botelho pôde recorrer, para auxiliar a memória, a centenas de invólucros de maço de tabaco nos quais, durante os anos que passou detido, na Prisão de São Paulo, conseguiu ir tomando nota (a quase totalidade desses documentos foi preservada). A situação de relativo privilégio em que se encontrava, pelo facto de ser preso mais idoso, estrangeiro, e um antigo alto responsável da Diamang, permitiu-lhe circular pela prisão e travar conhecimento com presos e carcereiros.

“Holocausto em Angola” é um verdadeiro catálogo de torturas, tão detalhado, que dificilmente alguém que tenha vivido o inferno das prisões angolanas o conseguirá ler sem voltar a experimentar o terror desses dias. Cardoso Botelho inclui no seu livro fichas pormenorizadas relativas a todos os presos com quem privou. Os nomes dos torturadores, desde os principais responsáveis aos simples guardas, datas, detalhes mínimos, com a matrícula do carro que trouxe este ou aquele preso, nada escapou ao olhar implacável de Cardoso Botelho. Ao terminar de ler estes livros, fica-nos a perplexidade perante a violência absurda daqueles dias – mas também a convicção de que a dignidade pode, afinal, triunfar sobre a perversão. E de que, a longo prazo, não há crime sem castigo.

Fonte: Jornal A capital, Ano 5, N.º Edição 293, de 23.2 à 1.3.08, Política, pág. 3, Escrito por: José Eduardo Agualusa .